

## O FALCÃO E O PAPAGAIO

“Vai dizer ao papagaio que na terra do falcão o papagaio não entra”

“Bé bá fá dá papaguê ku ni tela di flacon ku papaguê ná ká mandá fá”

Sempre foram bons e leais amigos, o falcão e o papagaio. Tão amigos que faziam longas e demoradas viagens de um lado para o outro da ilha, Porto Alegre a Água Arroz, Ponta Mina a Monte Mário, perdendo-se pelas alturas de Cão Grande e Maria Fernanda.

Ajudavam-se na feitoria dos ninhos, na divisão amistosa de sementes e frutos, na recolha de ramos e flores para suas oferendas em épocas de paixão e enamoradamente. Nas festas familiares partilhavam cuidados e tarefas, espalhavam pelos ares sons e gorjeios que faziam bailar todas as aves dos arredores.

Nunca entre eles houve nem desentendimento nem ameaça de fim de amizade. E se alguma vez *txintxintxôlo*, *camussela* ou olho grosso irrompiam o espaço de um com ameaças turbulentas, logo o outro vinha em socorro declarando guerra aos intrusos. Batia-se ferozmente e proclamava vitória em nome dos dois.

Um dia, porém, quando o falcão se distraía em seus pensamentos à beira-praia, apareceu a tartaruga que com falas mansas lhe foi perguntando:

- Diz-me, amigo falcão, quem é, afinal, o rei desta ilha? És tu ou o papagaio?

O falcão foi apanhado de surpresa. Rei?! Rei da ilha? Nunca tinha pensado em tal. Ser “*Sum Alê*” era na realidade ideia que não estava nos seus planos.

Ardilosa como sempre, a tartaruga continuou:

- Nós precisamos de ter um rei nesta ilha. Alguém que vigie as praias, a floresta, que dê conselhos e que ponha ordem em todos os animais, sobretudo no papagaio...

Contou-lhe então que na véspera estando ela a dormir na areia, chegou o papagaio e falou, falou, falou tanto e tão alto que a despertou do seu sono. Uma outra, por sinal sua amiga de infância, estava a descansar com os filhos, chegou o papagaio e ninguém mais descansou. Falou horas a fio e quando a tartaruga o repreendeu ainda foi malcriado.

- ora, o amigo falcão voa bem alto, mais alto que o papagaio, e de lá de cima pode ver e guardar tudo. Por isso deve ser o rei. E a primeira atitude a tomar é expulsar o papagaio.

Naquela noite o falcão não pregou olho. Reuniu a família e explicou-lhe o que ouvira da tartaruga. Para governar teria que mandar embora o papagaio. Como podia? Eles eram inseparáveis, amigos do peito. Por isso fez de conta que não ouviu nada.

Passado algum tempo, estava a fazer um ninho no ramo de um *micondó*, quando de repente, se apercebeu de um alarido. Um grupo de *munquém* começou a chamá-lo:

- é preciso pôr ordem nesta ilha, amigo falcão, e só você pode fazer isso.

De seguida vieram as queixas. Todas contra o seu fiel amigo. Contaram da tagarelice do papagaio que falava horas a fio repetindo sempre as mesmas coisas e não deixando ninguém em paz.

- E o que querem que eu faça? – perguntou, a medo, o falcão.

- Que mandes embora o papagaio e que tu sejas o rei – responderam em unísono.

Ao outro dia o recado repetiu-se. Mas desta vez veio dos habitantes da ilha. Foram mesmo acordá-lo ao ninho. Bem cedo. Homens, mulheres, crianças. Era impossível viver com as conversas dos milhares de papagaios que habitavam S. Tomé, de norte a sul. Falavam de noite, falavam de dia, atordoavam tudo e todos.

*Sam Quitrina*, a mais velha, tomou a palavra:

- Viemos pedir-te, amigo falcão, que expulses dos nossos *luchans* todos os papagaios. Se o fizeres, serás tu o nosso rei, símbolo da nossa terra.

O falcão ouviu e prometeu agir. Falou então com o papagaio que, intransigente, se recusou a abandonar a ilha. Pressionado a tomar uma decisão, o falcão reuniu, por fim, em assembleia todos os animais. Após vários dias de debate, a *lagaia* leu o comunicado:

- Foi decidido, por unanimidade e aclamação, que o falcão será o rei de S. Tomé. Terá que vigiar os campos, os *luchans*, as praias e defender as cidades. O papagaio será expulso para a ilha do Príncipe onde viverá e falará até ao fim dos seus dias.

A sentença foi lida em voz alta perante a alegria de todos e o choro infindável do papagaio. Não se conformava em ter de deixar S. Tomé e separar-se do falcão a quem declarou guerra para sempre. Este tentou ainda explicar-lhe que a decisão não fora dele, mas de todos os outros. E a lei é para ser cumprida.

Nada mais havia a discutir.

No entanto, há quem veja, em noites frescas de *gravana*, bandos de papagaios que, cheios de saudade, vêm visitar a ilha que um dia tiveram de abandonar.

---

Olinda Beja, Pé-De-Perfume, contos, 2ª edição, Escritor

Maria Olinda Beja Martins Assunção nasceu em Guadalupe, S. Tomé e Príncipe, a 12. Fevereiro . 1946,

Desde menina vive em Portugal.

*Diplome Supérieur d'Études Françaises Modernes, Alliance Française*, Coimbra.

Licenciada em Línguas e literaturas Modernas pela Universidade do Porto.

É professora do Ensino Secundário.

Tem escritos dispersos em revistas portuguesas e estrangeiras.

Alguns dos seus poemas estão traduzidos em Inglês: